

2

Estudos seminais clássicos acerca de narrativas orais

Mesmo considerando suas limitações e imprecisões, o modelo laboviano é extremamente útil e, em interface com teorias sociais de natureza mais ampla, continua sendo muito utilizado, sobretudo em pesquisas de orientação empírica (Bastos, 2005; p 79).

2.1

O primeiro passo: a parceria entre Labov e Waletzky

Os estudos seminais sobre narrativas na área da sociolinguística foram desenvolvidos por Labov e Waletzky, na década de 60, e por Labov, na década de 70. Tais estudos propiciaram um melhor entendimento acerca da estrutura deste tipo de atividade discursiva, uma vez que concebendo a narração como uma técnica verbal de recapitulação de experiência, Labov & Waletzky (1967) descreveram os componentes que constituem a estrutura geral da narrativa, com base em narrativas orais de experiência pessoal eliciadas em situações de entrevista pela seguinte pergunta: “*Alguma vez você já esteve em uma situação em que sua vida estava em risco?*”.

Segundo a proposta dos autores, narrativas orais consistem em uma sequência de orações com verbo no passado, que abarcam os seguintes elementos/componentes sequencialmente ordenados: *orientação* (composta por orações que orientam o ouvinte¹ em relação aos personagens, ao lugar, ao tempo e à situação da história); *complicação* (a narração do evento, propriamente dita); *avaliação* (indica ao ouvinte a importância relativa dos eventos, revelando a atitude do narrador em relação à narrativa, bem como o ponto da história, ou seja,

¹ O termo ouvinte será utilizado nesta tese apenas em referência aos estudos labovianos, a fim de ser fiel aos usos do autor e à concepção de linguagem na qual ele se pauta. Quando se tratar de produções das autoras desta tese, será utilizado o termo interlocutor, uma vez que tal expressão é a que melhor se ajusta ao posicionamento epistemológico desta pesquisa.

o porquê da mesma está sendo contada); *resolução* (finalização da narrativa, que pode seguir ou coincidir com a avaliação); e *coda* (dispositivo funcional que retorna a perspectiva verbal para o presente).

Labov & Waletzky (1967) observaram que é característico das narrativas a ocorrência de *orações livres*, que são aquelas que podem se deslocar ao longo da sequência narrativa sem alterar a interpretação semântica da história, cumprindo as funções de *orientação* e *avaliação*; e de *orações narrativas*, cujo deslocamento na sequência narrativa altera a ordenação dos eventos, logo, a interpretação da história, pois tais orações compõem a *ação complicadora*, ou seja, a narração propriamente dita, incluindo sua *resolução*.

Ademais, os autores sinalizam a possibilidade de ocorrência de narrativas mínimas, que, por sua vez, são formadas por apenas duas *orações narrativas* sequencialmente ordenadas por um conector temporal.

2.2

Dando continuidade à primeira obra: o aprofundamento de Labov

Em seu estudo de 1972, Labov nos traz excelentes contribuições, ao se aprofundar no estudo das *avaliações*, sustentado por sua própria tese que defende que narrativas que apresentam apenas *orientação* e *complicação*, e até mesmo *resolução*, não são narrativas completas, pois carecem de significância, ou seja, não têm ponto (razão de ser, ou seja, o porquê de ter sido contada).

Nesse estudo, o autor nos apresenta diferentes tipos de avaliações (*avaliação externa*, *encaixe de avaliações*, *ação avaliativa* e *avaliação pela suspensão da ação*), e nos mostra que, em muitos casos, a *avaliação* pode ser realizada por meio de modificação lexical ou frasal de uma *oração narrativa*, configurando-se como dispositivos avaliativos internos. São eles: *intensificadores* (fonologia expressiva, gestos, quantificadores, repetição, enunciados rituais); *comparadores* (negativas, modais, futuro, perguntas, imperativo, comparativo, superlativo); *correlativos* (progressivos, particípio anexado, duplo apositivo, duplo atributivo, particípios *left-hand* e particípios *right-hand*) e *explicativos* (qualificações e causais).

Existem, então, diversas formas através das quais o falante sinaliza ao

ouvinte o porquê de estar contando uma história, ou seja, o ponto da história. São os dispositivos avaliativos que nos dizem que o evento narrado não é comum ou usual, isto é, não é ordinário e, portanto, é digno de ser historiável (Labov, 1972). As técnicas linguísticas (dispositivos avaliativos) utilizadas para avaliações que aparecem nos dados desta pesquisa, entre outras, serão elucidadas a seguir.

- *Mecanismos externos de avaliação: avaliação externa, encaixe de avaliações, ação avaliativa e avaliação pela suspensão da ação*

As avaliações em uma narrativa são mais facilmente identificadas através de mecanismos externos do que por meio de dispositivos internos que carregam essa função. A *avaliação externa*, por exemplo, ocorre quando o narrador interrompe o curso da narrativa, volta-se para o ouvinte e apresenta o ponto da narrativa (Labov, 1972), como em casos de interrupção da narrativa para acréscimo de um comentário (ex.: Foi trágico!). Nesses casos, há interrupção da *ação complicadora (orações narrativas)* e inserção da avaliação (*orações livres*).

Existem, também, formas intermediárias para realização de uma *avaliação externa* que não quebram, explicitamente, o fluxo das orações narrativas. O caso mais simples, de acordo com Labov (1972), seria o narrador atribuir uma marca avaliativa a ele próprio no curso da narrativa, como no exemplo que o autor nos apresenta em que uma mulher, ao contar uma história sobre um quase-acidente em uma estrada, diz “Eu fechei meus olhos e disse: ‘Oh meu Deus, já era!’”.

Em relação ao *encaixe de avaliações* na narrativa, buscando a preservação da continuidade dramática, Labov (1972; p. 372) considera que o primeiro passo “é o narrador se referir ao sentimento como algo que está acontecendo com ele no momento, ao invés de nomeá-lo ao ouvinte fora da narrativa”. De acordo com o autor, isso pode ser realizado, por exemplo, através de diálogos fictícios, entre os participantes do evento narrado, construídos pelo narrador no curso da narrativa. Uma vez que, provavelmente, tais diálogos não tenham de fato acontecido durante o evento narrado, sendo construídos pelo narrador como um recurso para mostrar seu ponto de vista (i.e. fazer uma avaliação), podemos considerá-los uma ficção dramática.

Ainda no que diz respeito ao *encaixe de avaliações*, Labov (1972; p. 372-

373) acrescenta um segundo e um terceiro passos, que, respectivamente, consistem em: “o narrador citar-se como se dirigindo a alguém” e “introduzir uma terceira pessoa que avalia as ações do antagonista para o narrador”. Em relação a este último passo, o autor considera que o narrador também pode atribuir esse comentário avaliativo a ele próprio, mas alega que quando a avaliação é realizada por um observador neutro, ela carrega uma força dramática maior. Labov (1972) argumenta que esta técnica é utilizada apenas por narradores habilidosos, destacando que narradores menos habilidosos provavelmente se utilizam de *avaliações externas*.

Assim como as *avaliações externas* e o *encaixe de avaliações*, as *ações avaliativas* também conferem dramaticidade à avaliação. Neste caso, o narrador relata o que ele *fez* ao invés de relatar o que ele *disse*. No exemplo fornecido por Labov (1972), em que um jovem conta sobre o rompimento de um cabo em uma escola de treinamento marítimo, podemos ver claramente essa dramaticidade transmitida por meio de *ações avaliativas* que revelam a tensão do jovem ao ficar pendurado no topo do mastro: “Eu nunca roguei a Deus tão rápido e tão forte em minha vida!”.

Um último mecanismo externo de avaliação apresentado por Labov (1972) é a *avaliação pela suspensão da ação*. As emoções expressas na narração podem ter sido provocadas instantânea ou simultaneamente à ação narrada, mas quando são expressas em sentenças separadas, a ação é interrompida. Tal interrupção da ação chama a atenção para a parte da narrativa do momento da interrupção e indica ao ouvinte que essa parte tem alguma relação com o ponto avaliativo (Labov, 1972). Quando este é o caso, ocorre uma suspensão da narração do evento, logo, das *orações narrativas*, para introdução de *avaliações*. De acordo com Labov (1972; p. 374), “quando isto é realizado habilidosamente, a atenção do ouvinte também é suspensa e a resolução adquire uma força muito maior”.

Conforme destacado, as avaliações não se limitam a esses quatro mecanismos externos, existindo, também, as avaliações por meio de mecanismos internos, que serão elucidadas a seguir.

- *Mecanismos internos de avaliação: dispositivos sintáticos internos às orações que carregam avaliação*

O parâmetro laboviano considera que *as orações narrativas* apresentam uma das mais simples estruturas gramaticais, que ele descreve como uma série de oito elementos: i) conjunções, incluindo as temporais (então, e, mas, em seguida); ii) sujeito (pronomes, nomes próprios); iii) verbo auxiliar; iv) verbo no passado simples; v) complementos de variada complexidade (objetos diretos e indiretos); vi) advérbios de modo; vii) advérbios de lugar; e viii) advérbios de tempo. Tais elementos se inter-relacionam compondo enunciados como: “Esse garoto me deu um soco e eu dei um soco nele. Aí, veio a professora e parou a briga” (exemplo extraído de Labov, 1972). Labov (1972) adverte que, levando em conta esta organização das orações narrativas, podemos questionar: onde, quando e com que efeito a narrativa desvia dela. Nesse sentido, os desvios da sintaxe narrativa básica têm uma força avaliativa marcada, podendo ocorrer em decorrência do acréscimo de elementos sintáticos relativamente menores nas orações narrativas.

Esses elementos sintáticos que carregam a função avaliativa agrupam diversos subtipos, como veremos abaixo, constituindo mecanismos internos de avaliação. Acerca desses elementos sintáticos, serão apresentados exemplos extraídos de Labov (1972), a fim de iluminar o entendimento do leitor.

Os *intensificadores* são dispositivos avaliativos que reforçam ou intensificam o evento narrado através de desvios mínimos da sintaxe narrativa básica. Seguindo uma ordem de complexidade que vai do mais simples ao mais complexo, temos:

- gestos

Ex.: *Calvin enfiou a cabeça para fora. Eu joguei a pedra. E a pedra subiu, quer dizer - subiu-e desceu. E [bum!]*²

- fonologia expressiva

Ex.: *E a gente tava lutando por um lo-o-ongo te-e-mpo, chapa!*

- quantificadores

Ex.: *E então, quando o homem correu para dentro da barbearia, ele tava **todo** machucado.*

² Este e os demais exemplos consistem em traduções dos exemplos extraídos de Labov (1972).

- repetição

Ex.: *Bem, senhor, ele foi lá uma terceira vez. **E não voltou mais. Não voltou mais.***

- enunciados rituais

Ex.: *E eu agarrei ele e falei: “Vamos já voltar e subir a escada dos fundos”. **E lá estava aquilo.***

Os *comparadores*, como o próprio nome sugere, são dispositivos que sinalizam comparação, e através deles, o narrador compara eventos que ocorreram com eventos que não ocorreram. Os *comparadores* realizam movimentos que afastam a narração da linha do evento narrativo para considerar as possibilidades não realizadas e compará-las com os eventos que ocorreram. São eles:

- negativas

Ex.: *Nós não tínhamos nada que fazer.*

- modais

Ex.: *Ele procurou no pacote. “Não dá pra me dar um cigarro? A gente é que nem irmão...”*

- futuro

Ex.: *Então eu disse pra mim mesmo, “**Vai ter** algumas vezes que a minha mãe **não vai** me dar dinheiro porque a gente é uma família pobre e eu não posso dar conta disso toda vez que ela não me der dinheiro nenhum”.*

- perguntas

Ex.: *Toda vez que alguém me sacanear, **por que eles fazem isso?***

- imperativo

Ex.: *E eu disse, “**Eu não posso correr por aí com você a noite toda. Agora, vamos combinar e terminar isso. Esse é o preço, você toma o seu caminho e eu tomo o meu**”. Então eu saí assim.*

- comparativos

Ex.: *Ele era **um pouco maior que eu**, mas não muito.*

- superlativos

Ex.: *E ela era a **pior** garota, a **pior** do bairro.*

Os *correlativos*, diferentemente dos *comparadores*, não afastam a narração da linha do evento narrativo, mas trazem juntos dois eventos que ocorreram, de modo que eles constituam, em conjunto, uma única oração independente. De acordo com Labov (1972), a utilização de correlativos requer uma sintaxe complexa, utilizada, geralmente, por narradores mais habilidosos, por meio de progressivos, particípio anexado, duplo apositivo, duplo atributivo, particípios *left-hand* e particípios *right-hand*. No caso desta pesquisa, apenas *correlativos* do tipo progressivos (ex.: *Eu **tava sentado** na esquina, na pior, **fumando** meu cigarro, *cê sabe*.*) são encontrados nos dados.

Levando-se em consideração a escala de complexidade dos elementos sintáticos que carregam avaliação estabelecida por Labov (1972) (INTENSIFICADORES < COMPARADORES < CORRELATIVOS < EXPLICATIVOS), o último dispositivo interno de avaliação e, portanto, o mais complexo consiste nos *explicativos*, que podem operar através de qualificações e de causais. O autor não nos apresenta exemplos de uso de explicativos, mas, para iluminar o entendimento acerca desses dispositivos, ele nos chama a atenção para o fato de que as qualificações podem estar conectadas por conjunções como “enquanto” e “embora”, ao passo que os enunciados causais podem ser introduzidos por conjunções como “desde que” ou “porque”.

Os dispositivos sintáticos apresentados, em sua maior parte, estão intimamente relacionados à avaliação da narrativa: eles intensificam certos eventos narrativos mais relevantes, comparam eventos que ocorreram com aqueles que podiam ter ocorrido, mas não ocorreram, correlacionam a dimensão linear da narração por meio da superposição de um evento a outro, e explicam o ponto da narrativa.

Enfim, em seu estudo, Labov (1972) nos apresentou os mecanismos externos e internos por meio dos quais uma narrativa pode ser avaliada, que serão demasiadamente úteis para as análises aqui desenvolvidas, na medida em que nos

informam tanto sobre a organização da narrativa (sua formatação/ estruturação) como sobre a *performance* das narradoras.

Os mecanismos externos são empregados em *orações livres* que são consideradas as *avaliações* de uma narrativa, ao passo que os mecanismos internos podem ser empregados em *orações narrativas*, provocando um desvio da sintaxe básica deste tipo de oração e carregando a função avaliativa. Todavia, o autor destacou que existem outros dispositivos técnicos que também podem ser utilizados em narrativas, como por exemplo, ocultamento, uso de passiva, elipse e reordenação (inclui monólogos, *flashback*, deslocamento da orientação). Alguns destes outros dispositivos também se encontram presentes nas narrativas aqui analisadas.

Torna-se relevante destacar que embora esta pesquisa se remeta a categorias labovianas, no curso das análises, o instrumental teórico que a informa nos convida a olhar para além da estrutura da narrativa, em uma postura interpretativa que adentra a subjetividade do narrador e ilumina as nuances do contexto interacional, social, cultural e histórico em que as histórias são contadas.

2.3

Compreendendo as contribuições dos estudos labovianos para esta pesquisa

Além de nos apresentar uma estruturação suficientemente detalhada das narrativas, os estudos labovianos sustentam que a estrutura geral das narrativas não é uniforme, podendo variar quanto i) ao grau de complexidade, ii) ao número de elementos estruturais presentes, e iii) ao modo em que as várias funções são realizadas.

Em suma, pautando-nos nos pressupostos labovianos, podemos olhar para uma narrativa como respostas em série às seguintes perguntas: sobre o que é o relato? (*sumário*); quem participa, quando, do que, onde? (*orientação*); o que aconteceu? (*complicação*); e daí? (*avaliação*); resultou em que? (*resolução*). No entanto, uma vez que esta pesquisa apresenta uma proposta investigativa que difere sobremaneira dos objetivos investigativos labovianos, por tornar extremamente relevante a influência de fatores sociais, culturais e interacionais na estruturação das narrativas, torna-se relevante demarcar até que ponto os estudos

labovianos atendem a seus interesses.

As narrativas investigadas por Labov consistiam em histórias em que o entrevistado, no papel de narrador, ocupava uma posição ativa e detinha a posse da palavra até o final da história, e o entrevistador, no papel de mero ouvinte da história, assumia uma postura passiva, mantendo-se em silêncio até que o entrevistado finalizasse a narração; afinal, o que estava em pauta nesses estudos era a narrativa enquanto produção (que os autores tratavam como) exclusiva do narrador. A agenda dos estudos labovianos não inclui interesses relacionados à narração como uma atividade que ocorre entre pessoas, o que levaria a focalizar o momento presente da narração da história, logo o contexto interacional. Nas palavras de Bastos (2005, p. 79),

as narrativas estudadas por Labov foram produzidas no contexto de entrevistas sociolinguísticas, nas quais o pesquisador estimulava o entrevistado a contar histórias, com o objetivo de neutralizar o chamado paradoxo do observador, isto é, a interferência que a presença do pesquisador e do gravador tem na fala do entrevistado. ... assim, levar o informante a contar histórias era um método de coletas de dados.

Consistindo na primeira tentativa sistemática de estudar narrativas, os estudos labovianos seminais continuam fomentando pesquisas atuais em narrativa, compondo uma obra clássica que marcou a trajetória dos estudos narrativos. Todavia, muitos estudiosos, sobretudo aqueles que se alinham a perspectivas interacionais, discutem suas limitações, alegando se tratar de um modelo que negligencia (ou subestima) questões acerca do contexto interacional de produção da narrativa e das contribuições do entrevistador/interlocutor nessa produção. Não obstante tais reconhecidas limitações, esse modelo é o ponto de partida de muitos estudos de narrativa, até mesmo aqueles que se afiliam a perspectivas construcionistas de linguagem, e que, portanto, conferem primazia aos desdobramentos das construções discursivas no contexto interacional, como é o caso desta pesquisa de doutorado.

Por um lado, assumir um interesse de estudo que vai além da estrutura da narrativa (ex.: construções de identidades via narrativa) não implica em negligenciar que a identificação dos componentes da narrativa, bem como dos dispositivos avaliativos dos quais os narradores se valem na construção de sua

narrativa, são de suma importância para um conhecimento apurado do material linguístico a ser analisado. Tais componentes e recursos nos possibilitam reconhecer as habilidades retóricas do narrador, além de influenciar as interpretações acerca do desenho da historiabilidade da narrativa e do modo como se dá a costura das ações narrativas. Por outro lado, a saída para as limitações dessa visão estruturalista de narrativa pode ser a busca por uma interface com perspectivas interacionais de estudo da narrativa, com seus distintos interesses (ex.: como se dá o trabalho interacional de contar e ouvir histórias) sendo esta a proposta de interface que será aqui delineada. Conforme nos recordam Oliveira e Bastos (2002, p. 32),

na última década, os estudos discursivos da narrativa abandonaram progressivamente interesses básicos iniciais, como a identificação de componentes estruturais, para focalizar outras dimensões da construção narrativa, como o que significa contá-las e como o relato das experiências é situado social, cultural e interacionalmente.

A relevância de se conjugar os estudos labovianos com estudos interacionais sobre narrativa se justifica tanto pela concepção da narrativa como uma construção conjunta entre narrador e interlocutor, como pela assunção de que padrões socioculturais informam a produção e a interpretação das narrativas.

O próximo capítulo será dedicado à apresentação de estudos de narrativa que somam contribuições à obra laboviana e que entendem a narrativa enquanto uma construção sociocultural e interacional, logo, estudos que, juntamente com as contribuições de Labov, desenharam o pano de fundo das análises aqui empreendidas.